

# UTILIZAÇÃO DE UM TREINO DE AUTO-INSTRUÇÃO NUM CASO DE DIFICULDADES DE LEITURA

JOÃO MOREIRA  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

*O autor debruçar-se-á sobre a eficácia do uso de um treino de auto-instrução com um aluno do 9.º ano de escolaridade, de 15 anos de idade, apresentando dificuldades de leitura e compreensão de textos, bem como um elevado número de erros ortográficos. Este treino visou desenvolver no sujeito competências que permitissem: a) melhorar o ritmo da leitura; b) facilitar a compreensão do texto lido; e c) reduzir o número de erros ortográficos. Os procedimentos utilizados para a obtenção destes objectivos, bem assim como os resultados atingidos, serão objecto de apresentação detalhada.*

O caso foi apresentado ao Serviço de Aconselhamento Educacional em finais de Outubro de 1986. Tratava-se de um aluno do 9.º ano de escolaridade, com 15 anos, frequentando uma Escola Secundária oficial na região de Lisboa.

O problema apresentado pela mãe ao referir-nos o caso centrava-se nos problemas escolares, dado que o jovem demonstrava dificuldades de leitura e compreensão dos textos, assim como uma expressão escrita pouco elaborada para o seu nível etário e de escolaridade, e ainda uma elevada frequência de erros ortográficos. A sua participação nas aulas, quer espontaneamente, quer por solicitação do professor, ou mesmo em trabalhos de grupo, era rara, e igualmente pouco elaborada.

Para uma avaliação mais detalhada das dificuldades apresentadas, foi empregue por um lado uma metodologia de tipo psicométrico, com a aplicação da Escala de Inteligência de Wechsler para Crianças, e por outro um tipo de avaliação mais específico, incluindo provas de leitura e interpretação de textos, ditado e composição.

Os resultados da WISC permitiram desde logo concluir da presença de um nível intelectual normal, não constituindo portanto motivo para as dificuldades apresentadas.

Em relação à leitura, as características mais evidentes eram a grande frequência de hesitações e pausas em momentos não apropriados, e a ausência de uma entoação adequada e de respeito pela pontuação, resultando numa leitura monótona, sem expressão, quase mecânica. A leitura soletrada das palavras mais complexas, perturbava ainda mais acentuadamente o ritmo da leitura, e a grande frequência de erros tais como omissões de palavras, substituição por

palavras semelhantes, adição de palavras não presentes no texto, tornavam-na incompreensível, tanto para o próprio como para quem o ouvisse ler.

Em relação à compreensão do conteúdo dos textos, verificou-se a presença de uma deficiente assimilação desses conteúdos através da leitura, agravando-se as dificuldades quando se tratava de expressões metafóricas ou construções gramaticais mais complexas.

A hipótese colocada para explicar estas dificuldades de compreensão, dado que a avaliação do nível intelectual apontava no sentido de uma eficiência cognitiva adequada, apoiou-se na informação relativa às dificuldades de leitura já referidas, e apontava como factor primordial o estilo algo impulsivo da leitura, em que as frequentes pausas e hesitações impediam uma atenção adequada aos conteúdos. A abordagem dos textos seria deste modo excessivamente superficial, não deixando lugar nem para a apreensão dos conceitos, nem para a reflexão sobre esses conceitos e a sua interligação.

Confrontado com os resultados da avaliação, o cliente considerou-os de modo geral como reflectindo adequadamente as suas dificuldades, e forneceu inclusivamente novos dados consonantes com a imagem global por eles transmitida: em primeiro lugar, o facto de procurar ler todos os textos com a mesma rapidez, independentemente do seu nível de complexidade, não ajustando portanto a velocidade da leitura às características do texto; em segundo lugar, a prática que relata de tentar ler ainda mais rapidamente os textos que lhe provocam dificuldades, o que vem em apoio da presença de um estilo impulsivo na abordagem dos textos; em terceiro lugar, a sua estratégia de tentar compensar as dificuldades de compreensão através de leituras sucessivas do mesmo texto, mas sem qualquer modificação do tipo de abordagem ao longo das repetições, a não ser por vezes um aumento suplementar da velocidade da leitura; em quarto lugar, a ausência de uma estratégia metódica de análise dos textos, através da sua decomposição em frases ou conteúdos elementares, verificação da compreensão de cada um desses conteúdos antes de passar ao seguinte, e tentativa de interligação dos conteúdos. Com efeito, as repetições referidas anteriormente eram efectuadas para extensos segmentos de texto, sem que houvesse uma avaliação da compreensão dos conteúdos dentro desses segmentos.

Na avaliação da escrita, foram detectados erros de ortografia excessivamente frequentes para o nível etário e de escolaridade. Os erros mais frequentes verificavam-se na acentuação gráfica, nas palavras terminadas em [-ão], no fonema S (representado por s, c, ss, ç, etc.), no fonema Z (representado por s ou z), e no som U (representado por o ou u).

Em relação às estratégias de intervenção utilizadas, poderemos agrupá-las em 3 tipos distintos:

- treino ortográfico (15 sessões).
- Treino de auto-instrução aplicado às estratégias de controlo da leitura (7 sessões).
- Aperfeiçoamento das estratégias de estudo (5 sessões), incluindo:
  - a) controlo das condições e tempo de estudo;
  - b) avaliação, aperfeiçoamento e implementação sistemática de estratégias de estudo já utilizadas pelo cliente.

De assinalar que em diversas sessões foi implementado mais do que um tipo de metodologia de intervenção, pelo que o número total de sessões, 18, é inferior à soma dos números indicados.

Entrando mais detalhadamente na descrição das metodologias de intervenção utilizadas neste caso, começaremos por nos referir ao treino ortográfico. Com base nos dados da avaliação, foi inicialmente elaborada uma lista dos tipos de erro mais frequentes, após o que cada um desses tipos foi sucessivamente objecto de um treino sistemático. Esse treino iniciava-se com a identificação da ou das regras aplicáveis ao tipo de erro em questão; essa regra era então explicada ao cliente, sendo-lhe entregue um cartão contendo o enunciado da regra, as excepções a que está sujeita e alguns exemplos. Depois de assegurada a compreensão da regra pelo cliente, seguia-se a fase de treino propriamente dita, em que o cliente era solicitado a uma sequência progressiva de tarefas exigindo o emprego da regra inicialmente transmitida. Dado que o treino de cada regra ocupa pelo menos duas a três sessões, o processo é algo moroso, tendo sido incluído na maior parte das sessões com este caso. Muitas destas aprendizagens de regras pressupõem entretanto o domínio de capacidades prévias, cuja ausência pode tornar inviável a utilização da regra. Um exemplo de um caso em que a ausência dessas aprendizagens prévias pode interferir com a implementação da regra é o da acentuação gráfica, que pressupõe a capacidade por parte do sujeito de identificar a sílaba tónica, e portanto de classificar as palavras em agudas, graves ou exdrúxulas. No presente caso, a superação desse impedimento da aprendizagem foi obtida através da elaboração de um programa de computador, destinado a ser utilizado em casa pelo cliente no microcomputador que habitualmente apenas lhe servia para jogos. Os resultados obtidos com esta metodologia foram bastante positivos, tendo-se obtido 88% de respostas correctas logo na primeira tentativa, e 100% ao fim de muito pouco tempo.

Em relação ao treino de auto-instrução (Meichenbaum, 1977) aplicado ao controlo da leitura, e com base nos resultados obtidos na avaliação, os seus objectivos principais foram:

- ler mais devagar e com atenção;
- dividir o texto em pequenos segmentos e verificar a compreensão de cada um antes de passar ao seguinte.

A implementação do treino iniciou-se com uma discussão com o cliente dos aspectos negativos da sua leitura, e com a elaboração conjunta de uma estratégia de «falar para si próprio», dando-se instruções sobre como ler de modo a compreender o texto o melhor possível. Foram então apresentados 3 cartões contendo as auto-instruções mais importantes, correspondendo os 2 primeiros aos 2 objectivos referidos anteriormente, e o terceiro a estratégias a utilizar em caso de não compreensão, nas quais se verificava igualmente um défice significativo.

O treino destas auto-instruções foi aplicado à leitura de um texto escolar trazido pelo cliente, aproximando assim a situação de treino tanto quanto possível de uma situação real de estudo. A primeira fase do treino consistiu na modelagem ou demonstração das auto-instruções pelo terapeuta, que leu uma parte do texto utilizando frequentemente auto-instruções do tipo indicado nos dois primeiros cartões. Na segunda fase, o cliente lia o texto, acompanhando-o de auto-instruções em voz alta: nesta fase, o terapeuta juntava instruções adicionais quando o cliente omitia alguma auto-instrução importante, apoio esse que foi sendo progressivamente retirado consoante o cliente se tornava mais autónomo na utilização das auto-instruções. A terceira fase envolveu a automatização da estratégia não impulsiva de leitura, com a substituição progressiva das auto-instruções em voz alta por comandos subvocais.

O aspecto final da intervenção centrou-se sobre o aperfeiçoamento das estratégias e

condições de estudo. No que se refere ao controlo das condições e tempo de estudo, foram focados aspectos tais como a escolha de locais adequados em termos de iluminação, conforto, ausência de fontes de distração, etc., a vantagem da planificação do estudo, através da elaboração de um conjunto de objectivos concretos para cada dia ou intervalo de tempo empregue no estudo, a modificação de atitudes inadequadas e disfuncionais, o registo diário e aumento progressivo do tempo de estudo, a distribuição mais homogénea do tempo de estudo, evitando concentrá-lo excessivamente nos períodos de avaliação, etc.. Na área mais específica das estratégias de abordagem do material a estudar, procurou-se sobretudo aproveitar o que de positivo existia nas estratégias do cliente, já algo melhoradas por efeito do treino de auto-instrução, encorajando a sua utilização mais assídua e sistemática. De notar, em todo este sector da intervenção sobre as estratégias de estudo, o carácter pouco directivo da acção do terapeuta, que se limitou a apontar algumas possíveis estratégias, deixando a sua implementação largamente à responsabilidade do cliente.

Em relação aos resultados obtidos, poderemos considerá-los segundo as mesmas áreas que referimos a propósito da avaliação. Em relação à leitura, a sua fluidez e regularidade de ritmo aumentaram assinalavelmente, assim como a qualidade da entoação, quer no respeitante ao conteúdo do texto, quer relativamente à pontuação. Os erros de omissão, substituição de palavras, etc., quase desapareceram, e a leitura no seu conjunto apresenta um aspecto muito menos impulsivo, sem que a sua rapidez global tenha diminuído.

Para além do mero aspecto formal da leitura, também ao nível da compreensão se verificou uma evolução assinalável, talvez a mais significativa verificada em todo o processo. A melhoria da capacidade de análise dos textos foi notável, demonstrando o cliente no final do processo capacidade de compreender, praticamente sem ajuda do terapeuta, textos muito mais complexos do que aqueles que inicialmente lhe causavam grandes dificuldades. De assinalar especialmente o surpreendente aumento da capacidade de compreensão de linguagem metafórica, que se revelava quase totalmente incompreensível no início da intervenção, para no final lhe permitir interpretar, com muito pouca ajuda, um complexo soneto de Camões.

Quanto à escrita, verificou-se uma considerável diminuição da frequência de erros ortográficos, embora não tivesse sido possível a sua total erradicação. De notar, como aspecto muito positivo, o facto de se ter verificado uma diminuição também para os tipos de erro para os quais não foi feita uma intervenção directa. Este efeito de generalização poderá ter ficado a dever-se à melhoria do desempenho na leitura, que terá possivelmente permitido ao cliente aperceber-se melhor da ortografia das palavras durante a leitura. Finalmente, de assinalar também a melhoria acentuada da própria escrita, bastante mais regular e clara do que no início do processo. Uma interpretação possível para este resultado será a de que ele se ficou a dever à generalização para a escrita de algumas das auto-instruções destinadas ao controlo das estratégias impulsivas na leitura.

Finalmente, em relação aos resultados na área das estratégias de estudo, verificaram-se modificações largamente positivas, quer em termos de regularidade e organização do trabalho, quer na eficácia da aquisição de conhecimentos, plenamente confirmadas não só pelo cliente como pelos pais, e ainda de modo muito sensível pela melhoria dos resultados escolares. Essa evolução positiva das classificações constitui aliás um indicador extremamente positivo acerca

da generalização de todos os 3 tipos de metodologias de intervenção à situação escolar real, especialmente sensível na disciplina de Português, em que os resultados das avaliações subiram de 40-45% a meio do segundo período, para cerca de 80-90% no final do ano.

Em resumo, poderemos dizer que se obtiveram com este caso resultados amplamente positivos em praticamente todas as áreas de intervenção, para os quais foi ainda possível obter uma significativa generalização, que constitui sempre um elemento decisivo, se bem que difícil de obter, neste tipo de casos. Dado que este caso só foi terminado muito recentemente, não nos é possível ainda apresentar, como teríamos desejado, quaisquer dados de *follow-up*. Mantemos no entanto a intenção de recolher esses dados no próximo ano lectivo, por forma a podermos ajuizar da manutenção ao longo do tempo dos resultados agora obtidos.

Para concluir, gostaríamos ainda de salientar alguns factores que em conjunto com as metodologias de intervenção utilizadas julgamos responsáveis pelos resultados largamente positivos que foi possível obter: em primeiro lugar, a relação muito positiva estabelecida com o jovem logo desde o início do processo, que evitou que a aplicação das técnicas quer de avaliação quer de intervenção se tornasse num processo mecânico e unidireccional; pelo contrário, e esse parece-nos ser um segundo aspecto a salientar, foi sempre possível contar com a colaboração activa e a motivação do cliente, manifestas quer na planificação e implementação das técnicas, quer no cumprimento das tarefas entre as sessões, quer na generalização verificada nos resultados da intervenção, quer ainda no crescente grau de autonomia desenvolvido ao longo do processo.

De modo semelhante, também da parte dos pais foi possível assegurar uma elevada motivação e interesse pelo processo, mercê de uma constante actividade de informação desenvolvida pelo terapeuta, da atenção e importância concedida à sua perspectiva do problema apresentado e da intervenção, e ainda à explicitação do seu importante papel na determinação dos resultados do processo.

Assim, consideramos a relação altamente satisfatória desenvolvida entre todas as pessoas envolvidas no acompanhamento deste caso, conjuntamente com os excelentes resultados da nossa intervenção, como factores estritamente interdependentes, e que de modo decisivo contribuíram para a satisfação que dele sem dúvida obtivemos.

#### REFERÊNCIAS

Meichenbaum, D. (1977). *Cognitive Modification: An Integrative Approach*. New York, Plenum.